

Sexualidade: o fogo da vida*

Juan Vives-Rocabert**

“Erotismo e amor: a dupla chama da vida”, assim situa Octavio Paz a importância definitiva da sexualidade, aquela que torna possíveis o erotismo e o amor. Sexualidade, fogo originário, força (*Drang*) do instinto; fogo, ao mesmo tempo, potencialmente criador e destrutivo; dela derivam a chama vermelha do erotismo e a chama azul e trêmula do amor.

Para Paz, sabemos disso desde *O arco e a lira* — esse belo tratado teórico de 1956 —, a poesia é o meio idôneo para nos conectar interiormente com o mundo do inefável, mundo outro de fantasmas dentro de nós, que emergem apenas durante os sonhos e a cópula. É aqui — e também no sintoma — que a fantasia se materializa em imagens, sensações, apetites e afetos poderosos, que gostaríamos de capturar e nomear com uma linguagem que, tentando informar sobre eles, parece mais um balbucio incipiente, inseguro, incapaz de atingir o seu intento.

Nesse sentido, a poesia é o modo por excelência para falar sobre o amor. Se “a linguagem voltada sobre si mesma diz o que por natureza parecia dela escapar, o dizer poético diz o indizível” (Paz, 1956, p. 112). A poesia constitui, portanto, desde o início, um método para abordar o problema do amor, um tema-ponte entre o animalesco e o humano. Por essa razão, não é estranho que seja um poeta a abordar questões tão delicadas e que tente penetrar em matéria tão escorregadia, por meio de seu estilo labiríntico traduzido em um discurso que obedece às coordenadas da espiral. Nunca, como nessa ocasião, foi tão pertinente o conselho de Freud, que nos avisava: “Em caso de dúvida, pergunte aos poetas”.

É claro que a sexualidade instintiva do homem — como a das demais espécies animais — está a serviço da perpetuação da espécie e é uma força que inclui componentes agressivos, ou seja, uma boa dose de violência. O prazer é a cota de benefício que o instinto paga para que suas leis, intransponíveis, sejam cumpridas. É desses princípios elementares que parte Octavio Paz para assumir que a sexualidade está a serviço da reprodução, e que é o prazer que inaugura o reino do erotismo; este, por sua vez, fica dissociado das tarefas reprodutivas.

Dentro do vasto domínio do sexo, o erotismo e o amor são seus derivados: cristalizações, sublimações, perversões e condensações que modulam, transformam e exprimem a sexualidade. Octavio Paz admira-se de que, sendo a sexualidade imutável — ou seja, ligada compulsivamente à reprodução —, o erotismo adquira, no entanto, uma variedade quase infinita de modalidades. Enquanto o sexo é sempre o mesmo, o erotismo, por definição, é invenção. Interessante ponto de vista em relação à sexualidade, definida como repetição compulsiva das mesmas coisas, contrariamente a uma criatividade desdobrada pelo erotismo. Paz depreende daí que em qualquer relação sexual intervêm sempre algo a mais, um terceiro, que é o desejo e a fantasia — a que nosso poeta prefere chamar de *imaginação*.

Paz acredita que o sexo é natureza, enquanto o erotismo é aquilo que torna possível introduzir o sexo na civilização. Sem sexualidade, não há sociedade e, sem dúvida, o próprio sexo está sempre questionando essa sociedade para cuja formação contribuiu. Vem daí que a sociedade tenha dedicado tantas regulamentações para domesticar e canalizar o sexo: desde o imemorial tabu do incesto e a regulamentação das relações de parentesco até a instituição do matrimônio. Daí também o preço, em sofrimento e neurose, sobre os quais tanto insistiu Freud em *O mal-estar da civilização* (1930) — tema em que nosso poeta não entra.

Para Octavio Paz, e isso é especialmente interessante, há duas palavras que surgem sempre, dentro da metáfora erótica: prazer e morte. Isso significa que não é a sexualidade — que está a serviço da reprodução — que se torna problemática, mas sim o erotismo que nos leva ao problema da morte. Segundo o ensaísta mexicano, o instinto sexual, como imperativo da espécie, não é o problema; entretanto, o erotismo derivado da cota de prazer que a sexualidade proporciona se torna gêmeo da morte. Talvez seja nessa particularidade, chamada por Paz de *sede de alteridade*, que se possa ver a qualidade específica do erotismo comparado à sexualidade, instinto predominantemente egoísta, em busca de descarga e sem consideração pelo outro.

* Uma análise de *A dupla chama*, Octavio Paz.

** Psicanalista da Associação Psicanalítica Mexicana.

De alguma maneira, a história da civilização poderia ser vista como um distanciamento paulatino e lento dos imperativos da sexualidade, que, assim, vai perdendo suas características originais para transformar-se em formas de sentimento, cada vez mais distantes de sua fonte sexual. O oposto a essa sublimação crescente do impulso sexual é, nas palavras de Paz, o libertino. E ninguém melhor do que Sade para exemplificar tal forma de libertinagem, sempre oposta aos ditames de uma religião que trata de opor-se à sexualidade e que obriga os fiéis a transcender o corpo e seus mandatos instintivos. O libertino, ao contrário, seria o reduto a partir do qual se exprimem com mais liberdade o desejo e a imaginação — pensamento não muito distante, certamente, de algumas teses de Foucault. De algum modo, a fantasia está fortemente ligada aos ditames da sexualidade perverso-polimorfa originária, que é a forma mais tosca e primitiva de expressão de uma força pulsional que, vinda do corpo, se faz imperativo emocional, se faz representação e fantasia dentro do psiquismo humano.

É interessante como Paz nos lembra que, na tradição filosófica da Hélade, o deus Eros era uma divindade que comunicava a obscuridade com a luz, a matéria com o espírito, o sexo com a idéia. Como podemos ver, não é outra a idéia expressa por Freud, quando lança mão do conceito de pulsão, cuja mitologia tenta explicar a mesma coisa que os gregos de vinte e cinco séculos atrás: algo que atravessa o corpo e a psique, algo que desmente radicalmente o problema inventado por Descartes, com sua postulação de uma radical divisão entre alma e corpo, entre vida orgânica e vida material. Paz, de fato, rende tributo ao criador da psicanálise quando admite que “a superioridade de Freud reside no fato de que soube unir a sua experiência de médico à sua imaginação poética” (Paz, 1993, p. 27).

Mais adiante, Octavio Paz passa em revista o conceito de amor, partindo do conto de Apuleio; nele, o amor depende dos dois deuses gregos Eros e Psique. Desse modo, seguindo de perto algumas versões da mitologia recolhidas por Platão em *Fedro*, percebemos que a alma (Psique) se torna imortal graças ao influxo de Eros. Por algum meio, Psique tem de descer ao reino subterrâneo de Plutão, lugar dos mortos, mas, ao mesmo tempo, lugar onde se encontram as raízes para a ressurreição. Com base nessa linha de investigação, é traçada uma evolução que vai do erotismo ao amor, que se define como escolha, como encontro entre duas pessoas; o amor se torna, assim, algo excepcional dentro do terreno da sexualidade.

Na tradição oriental o amor faz parte do pensamento religioso, mas no Ocidente ele se estabeleceu separadamente da religião, e até em oposição a ela. Por isso, na tra-

dição ocidental, o amor tem a ver com a liberdade do indivíduo — o contrário de um destino imposto pelo passado predominante nas tradições orientais.

No nosso hemisfério, Platão é o fundador da filosofia do amor e seus vínculos, com o conceito de alma — diferenciado do conceito de corpo. Por outro lado, o mito do andrógino relatado em *O banquete* nos remete à sensação de incompletude a que nos leva o amor: um anseio de união e de preenchimento de uma necessidade que, por certo, é sinistramente próxima à idéia da morte. Dessa forma, a aspiração a um tipo de felicidade que dure para sempre, na re-união com um si-mesmo complementar, contém uma utopia de imortalidade de tipo narcisista, em que o sujeito pretende uma “existência” sem falhas, necessidades ou desejos: algo que, no mundo real, só se obtém com a morte. Para Octavio Paz, o que Platão manifesta nesse e em outros diálogos tem mais a ver com o erotismo do que com o amor; de fato, ele considera que, entre os gregos, ainda não há problemas propriamente amorosos e que se trata de poesia erótica.

É interessante que a condenação do amor carnal e a pregação da castidade como caminho da virtude surjam de raízes ancestrais nessas doutrinas platônicas — o que apenas em nossos tempos começou a atenuar-se. Nesse sentido, não deixa de ser interessante perceber o paradoxo existente nos postulados da chamada “religião do amor”, por meio dos quais a Igreja tenta circunscrever o amor ao puro exercício da sexualidade — já que esta só é admitida quando está a serviço da procriação. A Igreja opõe-se, assim, às formas mais sublimadas ou sofisticadas da sexualidade, uma vez que é contra o erotismo e o amor, por estarem a serviço do princípio do prazer.

Segundo nosso autor, o primeiro poema propriamente amoroso que apareceu foi “A feiticeira”, de Teócrito, escrito no século III a.C. Vale destacar que nosso poeta nos avisa de que nesse primeiro exemplar de poesia amorosa já aparece “um dos grandes mistérios humanos: a mistura inextricável de ódio e amor; rancor e desejo” (Paz, 1993, p. 52). Na poesia amorosa de Catulo também encontramos essa presença simultânea do ódio e do amor. Neste último poeta, já se identificam três elementos do amor moderno: a escolha, ou seja, o problema da liberdade dos amantes; o desafio, ou seja, o amor vivido como transgressão; e o ciúme, ou seja, sua natureza freqüentemente possessiva. Com Propércio tem início uma tradição que, muito depois, será central na poesia de Baudelaire: a erótica com a morte e os mortos — que não seria possível sem a doutrina platônica de uma alma imortal que sobrevive à morte do corpo. Mais tarde, Apolônio de Rodas será o primei-

ro poeta a fazer do amor o tema central da poesia épica, em sua descrição da paixão de Medéia por Jasão, em *Os argonautas*.

Para Octavio Paz, o “amor cortês” é algo *inventado* pelos poetas durante a época feudal e que cresce paralelamente à heresia cátara, postulante de um dualismo radical que incluía dois princípios polares: a luz e as trevas. É interessante a observação de nosso poeta de que os trovadores, sendo habitualmente de condição inferior à das damas para as quais cantavam seu amor, tinham a necessidade de idealizar o objeto amado — ponto de vista sociológico que complementa o que disse Freud sobre a dinâmica do apaixonar-se e os vaivéns da libido objetal ou narcisista.

Também, dentro da tradição do “amor cortês”, foram se estabelecendo um sem-número de passos prévios à consumação do amor na entrega física, a ponto de que esta última, em algumas ocasiões, não chegava a consumir-se, e a relação ficava circunscrita aos preparativos, beijos, contemplações ou carícias mais íntimas, porém sem chegar ao coito. Parece que o “amor cortês”, com sua aura de romantismo e idealização, conformava-se com as preliminares da sexualidade pré-genital — daí a necessidade da poesia como sublimação. Exemplos particulares desse tipo de enfatuamento são o de Dante por Beatriz (uma mulher, claro, casada) e o de Petrarca por Laura (outra casada), graças a quem esse tipo de amor chegou até os nossos dias. O amor romântico de nossos dias deve muito ao amor do trovador por sua dama inatingível.

Essa etapa do “amor cortês” terminou com o declínio da civilização provençal e, para o autor de *Posdata*, seu resíduo ficou circunscrito a uma norma dos bons costumes: a cortesia.

Buscando traçar a linha evolutiva dessa força vital chamada sexualidade, Paz a vê como algo animal, enquanto o erotismo é já especificamente humano, graças à intervenção de Psique. O amor, finalmente, é uma representação da qual participam um sujeito e um objeto, como pessoas únicas. Daí que, para o nosso poeta, o famoso complexo de Édipo está mais próximo da sexualidade do que do erotismo: os animais não conhecem o tabu do incesto, diz taxativamente o autor de *O labirinto da solidão*, embora, hoje, talvez não fosse possível sustentar tal afirmação de modo tão categórico.

Mais adiante, Paz faz as devidas distinções entre amor e amizade: enquanto o primeiro pode ser instantâneo, a segunda requer tempo e pertence mais à ordem do social. O amor quer, ao contrário, exclusividade — que é a linha sutil que o distingue do erotismo. Mas é um tipo de exclusividade com reciprocidade. Embora um dos parâmetros do amor seja a liberdade, a exclusi-

vidade é sustentada por um afeto fronteiro ao desejo de posse. Amamos só uma pessoa ou muitas? O que distingue o amor único do amor por várias pessoas, inclusive da promiscuidade?, pergunta-se o nosso poeta.

Outro dos mistérios do amor tem a ver com a transgressão ou com as dificuldades que devem ser superadas, já que o amante precisa sempre enfrentar algum tipo de proibição. Desde a interdição mais elementar e universal — ou seja, o tabu do incesto — até os problemas do “amor cortês”, em que uma mulher casada é cortejada por um trovador de condição socialmente inferior e, portanto, excluído, segundo as rígidas normas sociais imperantes nesse tipo de sociedade. Desde a condenação social do amor homossexual, transgressor, quase por definição, dos “bons costumes”, até inúmeras proibições de todo tipo, por parte da Igreja.

Estreitamente relacionado ao tema da pretendida exclusividade reclamada pelos amantes, o amor também comporta o eterno conflito entre o domínio e a submissão, que pode chegar a relações de tipo sadomasoquista. Trata-se de uma dinâmica em que a busca do reconhecimento por parte do outro é seu motor essencial. Vale lembrar que Octavio Paz, tão interessado nos problemas em torno do poder — e do abuso do poder —, pelas diferentes formas de governo (*O labirinto da solidão*, *Posdata*, *Volta*, *Tempo nublado*, *Pequena crônica de grandes dias*, apenas para citar os livros mais conhecidos), nunca abordou de frente a questão do poder no amor dos casais.

Dentre as razões pelas quais um sujeito ama uma determinada pessoa e não outra, Paz enumera fatores díspares como as secreções animais, os arquétipos espirituais, as experiências infantis e os fantasmas que povoam nosso mundo interno inconsciente: os sonhos. A meta do amor é, entretanto, invariável: o desejo de completude — tema em que volta a conectar-se com uma de suas mais caras obsessões: o problema da *alteridade*, iniciado já nos seus primeiros escritos, mas que em *O arco e a lira* teve sua primeira abordagem sistemática.

Para o autor de *Ladera este*, interferem tanto o amor pelo corpo da pessoa amada como o amor pela sua alma. Desde os tempos platônicos, exaltou-se a alma (imortal) em prejuízo do corpo (mortal). Para nosso poeta, de fato, “o amor é uma das respostas que o homem inventou para encarar a morte de frente” (Paz, 1993, p. 131). E isso tem a ver com uma das características do estado de amor: a vivacidade que imprime em quem o experimenta, a sensação de conexão com os valores mais nucleares da vida, incluindo um certo grau de independência do tempo e do espaço. Creio que Ogden, ao dar ênfase à necessidade de manter a sessão analítica no terreno do vital, estaria completamente de

acordo com Paz e sua concepção da força que mantém esse tipo de *tempo*.

A partir da Segunda Guerra Mundial, com a conseqüente entrada da mulher no mercado de trabalho e sua emancipação econômica, o amor assumiu novas dimensões. Talvez com alguma dose de injustiça interessada, que esquece o trabalho desenvolvido por Freud e pela psicanálise, nosso ensaísta privilegia o texto de *O amor louco* de seu bom amigo André Breton como um dos documentos contemporâneos mais importantes em relação ao tema do amor, principalmente por ter incluído a função subversiva que ele desempenha, para além do mero erotismo. Estar fora de si, hegelianamente cindido ou alienado, quando se ama, é algo que Octavio Paz atribui, como uma descoberta, ao chefe político do surrealismo. Ele adere também à teoria do *acaso objetivo* de Breton como forma de explicar as características do encontro. Sem dúvida, não esquece que a contingência externa se entrelaça, necessariamente, com as determinações inconscientes do mundo interno: ambas as circunstâncias escapam à vontade do sujeito.

Falando das circunstâncias do encontro, a rebelião estudantil de 1968 pode ser vista como a consagração da liberdade erótica. Octavio Paz afirma, com toda razão, que na liberação da sexualidade que se deu mais aceleradamente em conseqüência da Segunda Guerra Mundial, o grande ausente é o amor. A liberação da sexualidade, a possibilidade de um ambiente de maior liberdade para a expressão da paixão sexual, longe de suprimir o comércio de corpos, aumentou-o escandalosamente. A vida erótica passou a ser uma questão de mercado. A dimensão alcançada pela prostituição — que não só cresceu como também se diversificou — é algo com que nem Sade, o libertino, teria sonhado em sua época. “A grande miséria moral e espiritual das democracias liberais é sua insensibilidade afetiva. O dinheiro confiscou o erotismo” (Paz, 1993, p. 171). É uma pena que o nosso ensaísta não tenha feito uma incursão mais profunda no intento desesperado do movimento estudantil — e por que não dizer do movimento *hippie* —, que, ao grito de “faça o amor, não faça a guerra”, tentava dar um alarme sobre a vertente pela qual deslizava a sexualidade dos seres humanos: o equivocado caminho do sexo sem intimidade. Assim como, na época de Freud, as pessoas tinham o problema do desejo não satisfeito por problemas neuróticos de impotência ou frigidez, na época atual, contemplamos, graças ao Viagra e a outros produtos similares, uma época de ereção (sexualidade) garantida, mas sem desejo, sem erotismo e sem amor.

Uma das conseqüências da promiscuidade atual relaciona-se com as dificuldades de controlar doenças

como a Aids, epidemia para a qual estamos mais mal preparados do que quando a humanidade teve de enfrentar a sífilis, há cinco séculos. A melhor prevenção contra a promiscuidade, que favorece a possibilidade de Aids, é o amor, diz Paz.

De fato, a propósito do sexo (Eros) e da Aids (morte), nosso poeta assinala que as mudanças essenciais do século XX correspondem a um movimento pendular entre Eros e Tântatos. Para o autor de *Posdata*, nosso tempo foi testemunha do ocaso da alma platônica: a humanidade atual é uma sociedade *desalmada*. Por isso temos também a crise em torno do conceito de amor, as diferentes escravidões que o homem impõe a seus irmãos, a devastação do nicho ecológico em que vivemos. Mas, agora, os inimigos da alma e do amor não são a Igreja e a moral da abstinência, e sim a promiscuidade, sua transformação em mercadoria e dinheiro. É claro que, com esse tipo de proposição, Paz ficou preso à dicotomia cartesiana (corpo e alma). Somente a partir da tese do filósofo francês é que se pode falar em crepúsculo da alma e, por extensão, em uma sociedade desalmada. Porém, ao contrário, se reintegrarmos a alma (psiquismo) como algo indissociável do corpo (soma), se pudermos integrar o conceito do somato-psíquico, teremos, então, que lançar mão de outro tipo de metáfora para explicar o crepúsculo da intimidade amorosa em benefício de uma sexualidade anônima, até mesmo cibernética e virtual, sem precisar recorrer a um conceito (o desaparecimento da alma) a respeito do qual, a essa altura, se pode suspeitar que tenha um fundamento claramente religioso. O psiquismo é corporal e o soma respira através do mental; só assim podemos enfrentar a crise atual que tende a reduzir quase à inexistência o espaço privado: a intimidade. Hoje, como nunca, o sexo, o erotismo e o amor transformaram-se em um espaço público (o fato de o ciberespaço tornar públicas as intimidades sexuais de um presidente americano com uma estagiária é só uma amostra que nos ajuda a entender a radical perda da intimidade como espaço privilegiado da sexualidade e seus derivados).

Ao aproximar-se de alguma forma de conclusão provisória, Paz entende que para reinventar o amor é preciso reencontrar o homem. Por isso, passa em revista as diversas teorias cosmogônicas sobre a origem do nosso universo, desde as explicações teológicas dos deuses gregos até o nosso *big-bang* contemporâneo e as “singularidades” cósmicas representadas pelos buracos negros; desde as explicações da vida originada na *sopa oceânica primordial*, até as teorias próximas à ficção científica, segundo as quais algumas bactérias transportadas à Terra por asteróides do espaço exterior deram origem ao mundo orgânico do nosso planeta.

Ao terminar seu ensaio, Paz faz algo em que não o reconhecemos: apóia-se nas neurociências. O poeta, para concluir suas reflexões sobre o amor, recorre, sem necessidade e paradoxalmente, ao cientista. Dessa maneira, e sustentando-se fortemente nas idéias neurobiológicas de Gerald M. Edelman, chega a abordar as atuais investigações em torno da consciência, função graças à qual podemos pensar o que pensamos, perceber nosso próprio processo de introspecção. Partindo de elementos tão simples como as sensações de prazer ou de desprazer e baseando-se na obra de Husserl — colega de Freud no seminário de Franz Brentano —, Octavio Paz atrela-se à noção de intencionalidade dos pensamentos e atos humanos. Falar de intencionalidade, de fato, remete-nos à idéia de que o sujeito é impulsionado a um fim e a um treino contínuo, mesmo que dentro de padrões marcados por determinada linha diretriz. Ainda assim, falar de sujeito nos leva, de algum modo, à noção de identidade, que vem a ser um tipo de construção mental.

Mas Paz se pergunta:

Aqui surge a grande questão: no dia em que o homem descobrir que sua consciência e seu próprio ser são apenas construções, artificios, poderá continuar a viver como viveu até agora? Parece impossível (Paz, 1993, p. 196),

dado que todas as instituições sociais se baseiam na idéia de um ser humano dotado de liberdade. Se entendermos que o que acaba de ser dito implica, necessariamente, a noção de um sujeito, um Eu, perceberemos, então, que sem sujeito não é possível manter a noção de liberdade. Finalmente, torna sua uma outra das perguntas de Edelman, quando sugere a possibilidade de considerar corporal e, portanto, mortal o *espírito* individual — ou seja, o mais valioso da existência.

Diante das diversas perguntas desse neurobiólogo e tomando por base algumas considerações de Oliver Sacks e de outros investigadores da mente, Paz as vê como uma forma nova de voltar a colocar a pergunta sobre a relação entre alma e corpo. Parece que nosso poeta lamenta o fato de que a cultura contemporânea, contrapondo-se a todas as civilizações anteriores, tenha abolido um dos dois pólos — o da alma — de um velho diálogo. Dá, por isso, um sinal de alarme que, segundo a sua perspectiva, põe em dúvida a própria sobrevivência do gênero humano.

Se o ser humano se converte em um objeto que pode ser substituído ou duplicado por outro, o gênero humano torna-se “dispendível”: algo que pode ser

substituído com facilidade, como os outros produtos da indústria (Paz, 1993, pp. 200-1).

Esse não é só um erro filosófico, como moral também, diz Paz. O que está em questão, para resumir, é a própria idéia de gênero humano.

Tenho a impressão de que o nosso poeta recorreu a quem não devia e enredou-se em teses neurobiológicas, segundo as quais o psiquismo é visto com características tais que o separam do velho conceito de alma platônica. Ou será que Paz deseja aderir à idéia de uma alma imortal e, portanto, negar o fenômeno da morte? Nesse ensaio ele estabeleceu repetidamente a proximidade entre o amor e a morte, entre Eros e Tânatos, mas será que pretende agora negar um dos pólos — a mortalidade — que sustentaram sua tese em *A dupla chama*? Octavio Paz sente que os neurobiólogos o deixaram sem a noção de espírito, fazendo desse conceito algo de somático e mortal. Talvez para entender essa contradição (ou desespero?) do nosso poeta, não devêssemos esquecer que se trata de um ensaio sobre a sexualidade, o erotismo e o amor, escrito por um homem de quase oitenta anos.

Para o autor de *O labirinto da solidão*, a poesia, a festa e o amor são formas de comunicação concreta, ou seja, de comunhão. Mas a comunhão é indizível e, de certa maneira, exclui a comunicação. Não é um intercâmbio, e sim uma fusão. Na poesia a comunhão começa numa zona de silêncio, exatamente quando termina o poema. Na festa, a fusão acontece ao se entrar em um todo coletivo em que o Eu se converte em Nós. No amor prevalece a comunhão: um estado em que o sujeito se perde como pessoa e se recobra como sensação, chegando a uma experiência de perda de identidade. Graças a isso o amor se joga a partir do corpo, o amor é erotismo: amor e erotismo — a dupla chama — alimentam-se da força sexual originária.

Sem dúvida, Paz não esqueceu que o amor não nos preserva dos riscos e desastres da vida, não é vacina contra a ação corrosiva do tempo. Infalivelmente, o corpo envelhece e, um dia, morre. De fato, é exatamente devido a essa circunstância particular, de que o amor é feito de tempo, que ele é, ao mesmo tempo, consciência de morte; é uma tentativa de eternidade, ancorada à experiência de um instante. Aqui, Paz recupera o poeta que é e, com a inclusão do tempo, assume a sua finitude. Mas “se o amor é tempo, não pode ser eterno. Está condenado à extinção ou a transformar-se em outro sentimento” (Paz, 1993, p. 215); está, portanto, sujeito a mudanças, a uma contínua metamorfose, mas nunca vence a morte: é uma aposta contra o tempo e seus acidentes.

Ao terminar, Paz também identifica no amor a experiência que Freud qualificou como *sentimento oceânico*

nico; em outros termos, o amor tem muito a ver com um regresso ao Paraíso perdido, à união com o todo, ao narcisismo primário: é uma reconciliação com o mundo, não nos livra da morte, mas nos permite apreciar sua vigência.

É interessante constatar que *A dupla chama* é um livro escrito por um homem de 79 anos de idade que não foi esterilizado pelo Prêmio Nobel de Literatura, recebido em 1990. Esse foi seu penúltimo livro, antes de morrer em abril de 1998.

Ao terminar esta maravilhosa viagem em torno do texto de um ensaísta e poeta de primeira grandeza, recordamos que Octavio Paz nos adverte, desde as primeiras páginas de seu escrito, de que estava escrevendo esse ensaio já há muitos anos, primeiro como um estudo sobre Sade, depois como uma forma de ordenar as extraordinárias experiências vividas na Índia enquanto foi embaixador do México naquele país, e, finalmente, como uma forma de entender o que não pode ser compreendido: por ter se apaixonado.

Não parecem estranhas as evoluções do pensamento de Octavio Paz que desembocaram em *A dupla chama*, pois, de algum modo, a própria evolução desse livro assinala o caminho da sexualidade em seu longo périplo até converter-se em Amor, passando inclusive pelas etapas iniciais em que a sexualidade se reveste de caráter demoníaco e indomável — perverso-polimorfo. Começando suas indagações a partir de um estudo sobre o divino marquês, Octavio Paz vai desentranhando os enigmas da sexualidade originária, para em seguida dar lugar ao erotismo e desembocar na mais indescritível, porém enriquecedora e estremecedora das experiências humanas: o amor.

Referências

- Freud, S. (1930). El malestar en la cultura. In S. Freud. *Obras completas* (L. Lopez-Ballesteros, trad., 3a. ed., Vol. 3, pp. 3017-3067). Madri: Biblioteca Nueva.
- Ogden, T.H. (1997): *Rêverie and interpretation: Sensing something human*. London: Karnac Books.
- Paz, O. (1950): *El laberinto de la soledad* (5° ed.). México: Fondo de Cultura Económica, 1967.
- Paz, O. (1956). *El arco y la lira*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Paz, O. (1970). *Posdata* (4ª . ed.). México: Siglo veintiuno.
- Paz, O. (1976). *Vuelta*. México: Seix Barral.
- Paz, O. (1983). *Tiempo nublado*. México: Seix Barral.
- Paz, O. (1990). *Pequeña crónica de grandes días*. México: Fondo de Cultura Económica.

Paz, O. (1993). *La llama doble: Amor y erotismo*. Barcelona: Seix Barral.

Tradução de Sonia Scala Padalino.

Resumo

O artigo faz uma revisão crítica do livro *A dupla chama*, escrito por Octavio Paz próximo ao final de sua vida, quase com oitenta anos de idade. Em seu ensaio, o escritor mexicano analisa os estreitos vínculos existentes entre a sexualidade, o erotismo e o amor. Aborda também a questão da proximidade do amor com a morte (Eros e Tânatos), bem como a da sexualidade com a transgressão, desenvolvendo, assim, uma linha de afinidade com as características demoníacas e perverso-polimorfas descritas por Freud em sua primeira teoria das pulsões.

Palavras-chave

Amor. Erotismo. Octavio Paz. Sexualidade.

Summary

Sexuality: the fire's life

In this paper, the author develops a critical review of *La llama doble*, book written by Octavio Paz when he was nearly to his 80th birthday. In his essay, the Mexican writer analyze the intimate relationship between sexuality, erotism, and love. At the same time, he points to the problem of nearness of love with death (Eros and Thanatos), as well as the sexuality with the transgression — which makes this concept very close to the demonic and polymorphous-perversive characteristics described by Freud in his first drive theory.

Key words

Love. Erotism. Octavio Paz. Sexuality.

Juan Vives-Rocabert
Prado Norte 655-202 Col. Lomas de Chapultepec
Deleg. Miguel Hidalgo
11000 — México DF — México
Tel. 52 5 540 3590
jvives@data.net.mx